



**A ALMA NUNCA PENSA SEM IMAGEM –  
DEMOCRACIA E A BRIGADA ARGENTINA POR DILMA**

Lucas Sargentelli



A 29ª Bienal de São Paulo foi convocada sob o tema “arte e política”. Roberto Jacoby, artista convidado para participar da exposição, propôs um trabalho *site & time specific* sobre a representação no plano da imagem, do texto, do jogo e da política conjuntural do Brasil. Com 27 artistas e intelectuais argentinos, formou a Brigada (Internacional) Argentina para Dilma, para intervir na campanha da primeira rodada eleitoral, em 3 de outubro de 2010.

O texto acima aparece logo no início de um vídeo<sup>1</sup> que apresenta o projeto *A alma nunca pensa sem imagem*, proposição de Roberto Jacoby realizada junto à Brigada Argentina por Dilma. O projeto à primeira vista (e assim foi resumido por muitos) consistiu em instalar no edifício da Bienal de São Paulo um “escritório de campanha” a favor da presidência de Dilma Rousseff, candidata pelo Partido dos Trabalhadores. O cinismo sagaz de Jacoby nos pede talvez um segundo olhar para a proposta inicial, e ao acompanhar o desenrolar dos acontecimentos percebemos que a interpretação limitada da proposta como literalmente um escritório de campanha da Brigada é insuficiente para abordar a complexidade do jogo de representações e acontecimentos que foi ali ativado – jogo que deu à ação da Brigada Argentina um verdadeiro caráter de intervenção. Uma “intervenção disfarçada de campanha”.<sup>2</sup>

No espaço expositivo chamavam a atenção duas enormes fotos de humores bastante diferentes, uma de Dilma e outra de seu oponente do PSDB, José Serra. Havia um palco com um microfone e alto-falantes, onde foram realizadas conferências, palestras e onde o público da Bienal podia falar livremente. Eventualmente, encarnando o espírito de um escritório, os brigadistas trabalhavam em rede em seus computadores. Havia impressoras, mesas de serigrafia onde se produziram cartazes, panfletos, camisetas e *jingles*. Opiniões sobre os candidatos, seus partidos, o panorama político e a própria proposta artística foram gravadas em vários formatos. O público também podia escrever cartas e colar nas paredes (uma proposição de Fernanda Laguna). Os brigadistas usavam uma camiseta feita por eles com o nome de sua candidata e distribuíram panfletos, adesivos e *buttons* do PT.

A intensa agenda de atividades incluiu oficinas de Daniel Joglar (ações de propaganda política pela magia), Nacho Marciano (oficina de *jingles*), Adriana Minoliti (oficina de pintura), Syd Krochmalny (estúdio de gravação de *spots* políticos) e Mariela Scafati (oficina

---

1 O vídeo pode ser visto no site do projeto: <http://brigadainternacionalargentina.blogspot.com/>. Acessado em 29/10/2018.

2 Para um panorama mais completo, análise da ação da Brigada e a sequência de acontecimentos, ver Ribas, Cristina Thorstenberg. “Vilma!! Vencemos, enfim! Mas quem quer saber?” 20º Encontro Nacional da ANPAP, 2011, Rio de Janeiro. “Subjetividades, utopias e fabulações”, *Anais*, Rio de Janeiro: PPGArtes, v.1: 1-15, 2011. Para versão online Revista Global, Edição 13, 01/12/2010. Disponível em: <http://www.forumpermanente.org/imprensa/29a-bienal/vilma-vencemos-enfim-mas-quer-saber>. Acessado em 29/10/2018.



de serigrafia). Também foram organizadas mesas que aconteciam no próprio lugar. Lucas Rubinch organizou a mesa “Lutas políticas e sentidos comuns: as eleições hoje no Brasil”, Claudio Iglesias e Syd Krochmalny organizaram a mesa “Paradoxos da heteronímia e da autonomia da arte”, e Ana Longoni organizou a mesa “O que faz um espaço de campanha eleitoral no meio de uma bienal de arte contemporânea?”, com participação de André Mesquita, Cristina Ribas, Gavin Adams, Suely Rolnik, Pedro Mendes, entre outros. Importante ressaltar que vieram para a abertura algumas mães e avós da Praça de Maio.

Como a lista de atividades mostra, havia ali a proposta de um espaço de imaginação política como trabalho de arte. Com essa sobreposição estratégica entre arte e política, o projeto trouxe questionamentos importantes tanto para o próprio meio da arte quanto para o sentido do público e também para as formas mais tradicionais de propaganda política. Havia abertura para a participação do visitante junto a esse coletivo temporário/dispositivo grupal que trouxe muitas nuances para a proposição inicial. Não ignorando o abismo vigente entre política partidária representativa e a vitalidade radical de uma política pautada nos modos de vida, a Brigada trouxe uma concretude paradoxal para essa relação, indicando enfrentar o desafio de aproximação.

Foi central na ação o fato de pôr em questão o *éthos* curatorial da 29ª Bienal, que enquanto bienal de arte foi proposta em estreita relação com a política. A provocação ácida de Jacoby e da Brigada então foi: qual a real abertura dos organizadores da 29ª Bienal, movidos pela noção de política, para entrar em um debate dando espaço para posições dissidentes e não apenas tratando da política enquanto tema? Ou seja, qual seria a real abertura para se fazer política?

Contudo, apesar de ser uma plataforma para a convivência e discussão pública, a proposta de Jacoby foi localizada ou investida de um debate conduzido da forma que convinha. Debate de reafirmação de oposições entre arte e política, disparada por uma matéria na *Folha de S. Paulo*<sup>3</sup> e pela deliberação curatorial afobada de que as fotografias dos dois candidatos no espaço expositivo deveriam ser encobertas e a propaganda pró-PT impedida (o que era também uma questão legal). Naquilo que foi interpretado como uma ação por estrangeiros pelegos, e com a troca de acusações de deslealdade dos dois lados, o que foi principalmente obliterado foi o caráter infinitamente mais sutil e *à la vez* provocador da Brigada (que podemos relacionar a toda uma tradição de crítica institucional na arte).

---

3 Folha de S. Paulo, especial 10, 17 set. 2010.



Falar disso no segundo semestre de 2018 relaciona-se inevitavelmente com o fato de que acaba de ser eleito para presidente Jair Bolsonaro, o capitão reformado do Exército, que durante o processo de votação para o *impeachment*, enquanto deputado federal, dedicou seu voto ao coronel Carlos Brilhante Ustra, “o pavor de Dilma Rousseff” em suas palavras. Carlos Brilhante Ustra foi o primeiro agente da ditadura declarado oficialmente torturador, em 2008.

Os discursos de ódio e polarização das eleições de 2018 nos inculca mais atenção para a atuação frequente de parte do público da Bienal no espaço da Brigada em 2010: o ódio de classe e tantos outros ódios encapsulados; e a resistência institucional, que se expressa também na atitude curatorial de um legalismo pouco criativo. Fica evidente a dificuldade do meio artístico de endereçar barreiras para acolher e compor com a invenção estética mais atenta à imaginação e aos esforços políticos em prol de modos de vida mais libertários (também em sua inevitável fricção com a ordem macropolítica). A controversa discussão em torno do projeto de lei Escola sem partido e a criminalização de movimentos sociais, entre outros dribles na democracia<sup>4</sup> presentes nas últimas eleições, nos coloca a necessidade (enquanto artistas, curadores, professores, pesquisadores etc.) de sair do nosso lugar de conforto – afinal, a alma nunca pensa sem imagens.

---

4 Com essa expressão fazemos referência ao documentário “Driblando a democracia” (2018) de Thomas Huchon. O filme aborda o papel da empresa Cambridge Analytica e de poderosos empresários americanos ultraconservadores na eleição de Donald Trump nos EUA em 2017. Conta em detalhes as estratégias baseadas em *fake news* e roubo de dados pessoais, que foram usadas para levar Trump a vitória. Steve Bannon, diretor de campanha de Donald Trump, e um dos fundadores da empresa Cambridge Analytica, foi também assessor da campanha de Jair Bolsonaro.



FOTOS: BRIGADA ARGENTINA POR DILMA